



Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula.

Adriano Medeiros Costa

(PPGEd - UFRN), orientando.

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade

(PPGEd - UFRN), orientador.

Resumo:

Este artigo pretende trazer uma contribuição para o campo educacional através de uma reflexão sobre as possibilidades e implicações do uso do site de comunidades virtuais (rede social on-line) Orkut como uma extensão da sala de aula, notadamente de debates. Sem que assim seja necessário ter que “escolarizar” a ferramenta. Com isso, busca-se lançar um olhar sobre o Orkut como uma ferramenta de extensão e de auxílio no processo de ensino-aprendizagem. Ajudando a difundir conceitos tão em voga como educação permanente, autonomia, iniciativa, colaboracionismo, “cultura livre” e respeito às diferenças. Lembrando que o “aprender” não se encerra nos espaços fora da sala de aula, ele não tem fim. Mas para isso é preciso conhecer os alunos, antes de estabelecermos metodologias de ensino “virtuais” e nos preocuparmos em contextualizar o que queremos abordar de forma realista.

Palavras-chave: Orkut, comunidade virtual, debate, colaboracionismo, educação on-line.



I Introdução

O presente artigo se destina a apresentar os resultados e as reflexões até agora obtidos por uma pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento e visa discorrer sobre o uso do Orkut como uma extensão da sala de aula. Nesta pesquisa, utilizamos como referencial de análise a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, no sentido da importância que o filósofo dá ao cultivo do logos da troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos. Estabelecendo o diálogo.

O surgimento de diversos meios de comunicação no decorrer da História, sempre repercutiu na educação escolar, muitas vezes gerando debates e questionamentos envolvendo pais, professores, educadores e outros membros da sociedade quanto ao acesso e utilização desses meios por parte dos estudantes.

A Internet, de inúmeras possibilidades pedagógicas, é o meio de comunicação que mais têm gerado debates nos últimos tempos pela sua inigualável abrangência global e participação coletiva. Para Pierre Lévy, a inteligência coletiva “é a capacidade através da Internet de trocar idéias, compartilhar informações e interesses comuns, criando comunidades e estimulando conexões”(1). Em outras palavras, a *web* tende a criar uma superinteligência coletiva que dará início a uma grande revolução humana. Em seu livro *Cibercultura*, Lévy afirma que “a direção mais promissora que por sinal traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a aprendizagem cooperativa”(2). Lévy afirma que a Internet deve ser um espaço onde:

Os professores e os estudantes partilhem os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes 'disciplinares' como suas competências pedagógicas. A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância (LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, op. cit., p. 171).

A Internet é caótica por princípio. A questão que se coloca é como canalizar as buscas individuais por conhecimento, qualquer que seja ele, para a construção de um



saber coletivo para o bem comum, onde também se possa explorar as possibilidades de inovação. No entanto, a interatividade é uma possibilidade muito antiga. Basta dizer que quando um leitor mandava uma carta para um jornal no século XIX, ele estava praticando a interatividade. O próprio ato de trocar cartas é interativo. O que a tecnologia faz é facilitar os processos de interação. Isso tudo têm tornado o colaboracionismo uma tendência mundial.

A plataforma Moodle para a Educação a Distância, assim como o sistema operacional Linux, é desenvolvida de forma participativa por programadores ao redor do mundo. O MIT – Instituto de Tecnologia de Massachussets criou o OpenCourseWare. O qual tem a intenção de “proporcionar acesso fácil e grátis aos materiais de pesquisa relativos aos cursos do MIT para educadores de instituições sem fins lucrativos, estudantes e autodidatas do mundo todo” e “criar um modelo eficiente, baseado em padrões, que outras universidades possam copiar para publicar os materiais de seus próprios cursos.”¹ No Brasil, o Portal Universia, o qual oferece conteúdos e serviços a cinco segmentos da comunidade acadêmica (Pré-Universitários, Universitários, Pós-Universitários, Docentes e Gestores), oferece acesso gratuito à seleção de materiais dos cursos do MIT traduzindo-os para o português.

A popularização dos sites de comunidades virtuais como o Orkut, bem como o advento de projetos colaborativos como o YouTube (3), Blogs, Wikipédia, o *Creative Commons* (4) e a legendagem de filmes (“baixados” muitas vezes ilegalmente da Internet). Muitos jovens já aderiram a prática de fazer o *download* e a distribuição de filmes pela Internet. Fazem também a tradução e as legendas, que são revisadas coletivamente por eles mesmos. Muitas vezes isso tudo é feito e disponibilizado antes mesmo de sequer o filme estrear nos cinemas no país. Essas e outras iniciativas altruístas reforçam as idéias de Lévy sobre inteligência coletiva.

Realmente, um de nossos maiores desafios é pensar a Internet do ponto de vista social e não apenas do ponto de vista do deslumbre puramente tecnológico. Afinal, como diz Arnon de Andrade:

¹ Fonte: <http://www.universiabrasil.net/mit/sobreocw.jsp>



Novas tecnologias para a educação do homem: não o homem “média estatística” ou o homem da elite, mas o homem brasileiro, o cidadão do povo que frequenta a escola pública e com quem o Estado tem uma dívida de quatrocentos anos.(ANDRADE, 1993)

A tecnologia educacional, não se resume em utilizar meios, vai além disso. Seu papel é de instrumento mediador do saber, o saber ser e o saber fazer entre o educador educando e o mundo, ou seja uma ferramenta que possibilite a todos redescobrir e reconstruir o conhecimento e sobretudo evitar que as inovações tecnológicas produzam uma nova exclusão que sirva ao agravamento das relações de poder entre as classes sociais. Assim, pensa Arnon de Andrade:

Não é incomum, encontrar textos proféticos sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação que incluem o apocalipse para as escolas tradicionais ou para os incautos que não aderiram incondicionalmente às máquinas. MacLuhan e Pierre Levy são quase sempre inspiradores desses discursos demiurgos que, acima da realidade social, falam de uma educação do homem, esse ser estatístico, personagem de uma história apenas natural. Talvez a escala no pensamento de MacLuhan, que procura compreender um período muito longo da história humana- da aldeia primitiva até os nossos dias e de Pierre Levy que abarca da escrita à Internet, justifique nos seus textos, essa perda, do detalhe que caracteriza a personagem da História e que é indispensável quando pensamos o aqui e agora e quando propomos soluções para os problemas que estamos vivendo. Quando se diz que os meios de comunicação são extensões do homem, me vêm sempre as perguntas: que homem? ele é preto ou branco? é macho ou fêmea? que idade ele tem? de que classe social ele é? em que país ele vive?... (ANDRADE)

A Internet é a convergência entre a escrita, a imagem fixa, o vídeo e a comunicação por telefone que faz da *web* um novo espaço de desenvolvimento e interação, e mesmo um novo paradigma.

O nascimento das novas mídias aumentou a capacidade de participação, manifestação e expressão dos cidadãos. A Internet, em plena expansão, representa um formidável instrumento de comunicação e informação capaz de ligar os indivíduos do mundo inteiro em torno de temas tão variados como a literatura, a arqueologia, a jardinagem ou o cotidiano de pequenos municípios. Além disso, de acordo com o que propõe os estudiosos da história das mentalidades, a história também é constituída pelas



memórias das pessoas anônimas. Afinal, a História sempre é escrita através das histórias individuais. Para Pierre Lévy:

É necessário compreender o crescimento da Internet como o prosseguimento do nascimento e da extensão da esfera pública que se manifestou com o desenvolvimento sucessivo da imprensa, do rádio e da televisão. O conjunto da sociedade se tornou um pouco mais visível, mais transparente, e sobretudo um número maior de pessoas puderam exprimir seus pontos de vista. A Internet permite hoje que milhões de pessoas se dirijam a um vasto público internacional - pessoas que não teriam podido publicar suas idéias nas mídias clássicas como a edição em papel, nos jornais ou em televisão (LÉVY, Pierre). (5).

Como lembra Paulo Freire é preciso oferecer “resistência ao descaso ofensivo de que os miseráveis são objeto. No fundo, as resistências - a orgânica e/ou a cultural - são ‘manhas’ necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos.” (6)

Para Paulo Freire a apropriação social do conhecimento é de fundamental importância no sentido de que:

O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua 'incompetência' para explicar os fatos (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 81).

Além disso tudo, como informa Pierre Lévy, a Internet dá novas competências aos professores e possibilita que:

As últimas informações atualizadas tornem-se fácil e diretamente acessíveis através dos bancos de dados online e da *World Wide Web*. [...] A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. (LÉVY, Pierre). (7)

E o professor tem um papel primordial no auxílio ao aluno quanto ao acesso e a utilização da tecnologia. Como nos diz Paulo Freire:



Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, op. cit., p. 29).

É importante notar que tanto Pierre Lévy quanto Paulo Freire têm pensamentos convergentes sobre qual deve ser o papel do professor. Dentro de sua visão de aprendizagem cooperativa; Lévy diz que o papel do professor, observando os novos meios virtuais de educação, deve ser o de "um animador da inteligência coletiva da turma" (8). Enquanto isso, Freire nos fala de um professor como "animador de debates"(9).

Em *A Galáxia da Internet*, Manuel Castells escreve que a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural (CASTELLS, 2003:32). Assim, não podemos menosprezar algum tipo de impacto sócio-cultural que esteja sendo gestado. Se os sistemas tecnológicos são produzidos em sociedade, o fruto dessa produção é um produto cultural e a Internet não é exceção. Uma vez que a cultura da Internet é a cultura dos criadores da Internet (p.34). A rede, segundo ele, é a mensagem. Esse novo contexto nos diz algo e muda a forma como percebemos o mundo.

Além de poder reforçar laços sociais já existentes, facilitando a manutenção do contato entre pessoas que estão geograficamente distantes, a rede também pode ser um laboratório de experimentação identitária. Porém, Castells nos alerta que não é a ferramenta em si que irá nos tornar pessoas mais sociáveis. Tendemos a manter nosso padrão de comportamento na rede, se somos anti-sociais, permaneceremos anti-sociais na rede. No entanto, o sentido da rede é a comunicação entre pessoas. Segundo ele, o e-mail representa mais de 85% do uso da Internet. Castells compreende a geografia da Internet sob três perspectivas: sua geografia técnica, a distribuição espacial de seus usuários e a geografia econômica da produção da Internet. (cf. CASTELLS, 2003:171).

Para Castells, o mundo contemporâneo vive a crise do patriarcalismo, a descrença política, o fim do moralismo, a ética utilitária, a desestruturação da família nuclear, a urbanização, o materialismo simbólico e o consumo desmedido. Esse é o



retrato do individualismo contemporâneo. A rede reflete a sociedade e nela vemos que o individualismo também funciona em rede.

Em nossa sociedade, a arquitetura das relações em redes se distingue por ser uma nova forma de relações distribuídas e conectadas numa teia dinâmica e descentralizada, baseada na colaboração entre os envolvidos. Algo muito diferente do velho modelo de relações hierarquizadas. Pois, para Lévy “uma Comunidade Virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” (Lévy, 2000, p.127)

II Orkut

Uma constatação sobre como se mantêm as relações em rede é a teoria dos seis graus de separação, a qual foi desenvolvida pelo pesquisador Stanley Milgram (10) e diz que todas as pessoas no mundo podem ser conectadas a qualquer outra por uma rede de no máximo seis intermediários. Pesquisas mostram que essa teoria pode ajudar a nos esclarecer quanto a epidemias, modas culturais, comportamento dos mercados de ações e organizações que sobrevivem a mudanças. Essa teoria também é provada pelo Orkut.

Um exemplo de rede social, nesses termos, mas virtual, é o Orkut. O Orkut é um site de comunidades virtuais filiada ao Google, criada em 22 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado do turco Orkut Büyükkökten (<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=325082930226142255>), projetista chefe e engenheiro do Google.

O fenômeno Orkut, como rede social, pode ser dividido de duas formas: não só no que diz respeito as suas *implicações*, mas também no que concernem as suas *áreas de uso e impacto*. As áreas de implicações podem ser divididas em culturais, éticas, estéticas, econômicas, sociais, legais e políticas. Já os fatores de uso e de impacto desta rede social estão presentes nas áreas de política, tecnologia (notadamente a área de suporte), comunicação, entretenimento, comércio e educação. É nesta última área, a da



educação, que nos deteremos ao longo deste trabalho. Tendo em vista que a proposta aqui a ser apresentada é o uso do Orkut como uma extensão da sala de aula.

Quanto à participação, o Orkut tem três vertentes a ser exploradas por seus participantes: pessoal, lúdica e pedagógica. Assim sendo, é a vertente pedagógica aquela que nos move aqui neste trabalho.

De certa forma, o Orkut representa a evolução de ambientes como o *usenet* (ou *newsgroups*) que permitem enviar mensagens que ficam afixadas em verdadeiros murais divididos por assunto. Depois vieram as listas de discussão que deram uma outra dimensão ao uso do e-mail, que até então era mais utilizado para comunicar do que para debater, com um ponto a seu favor: a convivência, já que as mensagens iam até o participante, e não o inverso.

No geral, a idéia de comunidade relacionada ao senso comum é ampla, diversificada e um tanto imprecisa. Que vai de pessoas que interagem face a face, com comportamentos parecidos, interesses e identidades comuns e que compartilham valores, mesmo que informalmente. Ainda segundo Castells, o entendimento do fenômeno das comunidades virtuais estaria intimamente associado a este amplo conceito de comunidade.

Nas comunidades do Orkut existem duas áreas de interação: o fórum e os eventos. O fórum funciona, de forma não síncrona, por meio de tópicos. Uma pessoa elabora um assunto, com um título e um texto e permite que outros possam lê-lo e deixar alguma mensagem. Os eventos normalmente comunicam algum acontecimento. Neles não se permite a interação que há no fórum. Sobre este aspecto, não se pode esquecer que mesmo sendo importantes, os recursos tecnológicos não podem ser confundidos com a própria comunidade virtual.

Há várias formas de nos referirmos a ferramenta Orkut (e seus similares) – rede social, comunidade de relacionamento, rede *online*. Mas a forma menos redundante e por isso a mais correta é “site de comunidades virtuais”, ou até mesmo, “comunidade virtual” no sentido amplo da expressão. Quando falamos “comunidade virtual”, está implícito que ela é uma comunidade “*online*”, porque é virtual. É uma “rede” e é “social”, porque é uma “comunidade”. E finalmente é de “relacionamento” porque é uma “comunidade”. É importante que na definição estejam implícitos dois aspectos: a



ferramenta é participativa e está na internet. Além disso, o termo “comunidade virtual”, favorecendo a construção do conhecimento para o bem comum, é conotativamente mais adequado a experiência de troca de saberes do que a expressão “sala de aula virtual”, muito usual na Educação a Distância.

Nesta pesquisa, nos concentraremos apenas sobre os aspectos do site de comunidades virtuais Orkut, por alguns aspectos a saber:

O universo dos sites de comunidades virtuais é extremamente abrangente. Vai desde comunidades destinadas a namoro (algumas das quais destinadas a uma etnia específica ou classe social), passando pelas destinadas a compartilhamento apenas de fotos ou de áudio, as que atendem ao público homossexual, a profissões específicas ou estudantes de uma determinada faixa etária e etc. Umas pagas outras gratuitas. Em algumas para entrar, se precisa de convite de quem já é membro, como é o caso do Orkut, outras permite a qualquer usuário fazer o seu cadastro de ingresso instantâneo. Isso tudo, nos obriga a nos concentrar no estudo das potencialidades pedagógicas de apenas uma;

Atualmente o Orkut é o site de comunidades virtuais mais popular em número de usuários. E por assim ser, é o site que tem a interface mais conhecida. Ao todo, mais de 16 milhões de pessoas possuem perfil no Orkut. Desses, 69,65% são brasileiras. Originalmente em inglês, essa predominância brasileira fez com que a primeira língua estrangeira a ser traduzida a interface do Orkut fosse para o português; (11)

A interface do Orkut é leve e intuitiva. Essa característica, somada a da popularidade praticamente diminui a necessidade de promover um curso sobre o funcionamento do ambiente;

O podemos perceber que o design do Orkut prioriza tanto as relações pessoais dos seus membros, quanto as informações trocadas nas inúmeras comunidades temáticas criadas pelos usuários. É nelas que, predominantemente, as trocas de saberes se desenvolvem.

III O Orkut como extensão da sala de aula



A invasão do cotidiano pela internet potencializada pelos *softwares* educativos, sites especializados, enciclopédias virtuais, blogs e Orkut, nos obriga a repensar a relação histórica entre oralidade, memória, aprendizado e suportes da escrita. Mas, o problema da Educação *on-line*, não está nas possibilidades tecnológicas, mas sim nas possibilidades pedagógicas. Devido a limitações das ferramentas disponíveis até o momento, não há muita possibilidade de usar as comunidades do Orkut para a Educação a Distância, mas apenas como complemento. Contudo, para isso, precisamos dominar o processo de formação das comunidades e evitar que nos centremos sempre no material e nos meios técnicos. Caso contrário, iremos chegar a uma das maiores problemáticas da EaD que é a evasão.

Mas há um paradoxo no que concerne os sites de comunidades virtuais, porque no caso particular do Orkut, ao mesmo tempo que ele fomenta o individualismo, como nos diz Castells, ao estipular que cada um de nós descreva em minúcias a si mesmo, inclua ou exclua amigos virtuais ou reais, aceite ou rejeite quem peça inclusão em comunidades (no caso das moderadas) criada por nós. Este espaço tem servido ao impulso de ações coletivas deliberadas e participação política através de comunidades temáticas.

No Orkut, as pessoas podem entrar em comunidades, surgidas a partir da iniciativa de um agente articulador, que funcionam como fóruns de interesses comuns. Por exemplo: se alguém gosta de Vinícius de Moraes, pode entrar em uma comunidade com o nome “Poesias de Vinícius de Moraes” ou “Eu amo Vinícius de Moraes”. Outras pessoas podem participar dessa comunidade também e assim poderão discutir sobre o assunto em especial (não obrigatoriamente). Também se pode pedir que alguém forneça o texto de uma poesia a qual não estamos tendo acesso, pode-se também tirar dúvidas de língua portuguesa ou estrangeira nas comunidades dedicadas a elas. Em uma rede de solidariedade, também se pode pedir que alguém, assinante de uma revista impressa, acesse o site desta revista com sua senha e *login* pessoais e poste na comunidade o texto que estamos procurando e ao qual não temos acesso, em um gesto de socialização da informação e altruísmo *on-line*. Enfim, através da rede social formada por um site de comunidades virtuais, se pode ter acesso, via comunidades, a pessoas envolvidas nas



mais diferentes áreas que vão de culinária a Engenharia Espacial. Portanto, há um campo fértil de debate e argumentação a ser explorado.

Quando falamos em comunidade, é como se dissessemos “Eu sou a partir do conhecimento do outro”. Mas, os membros não podem ser um grupo muito grande, afinal é impossível haver interatividade entre muitas pessoas. A grande vantagem do grande número de membros em uma comunidade virtual é a frequência com que esta é atualizada em termos de intervenções. Por isso, pode-se dizer que a dinamicidade em uma comunidade virtual vai depender da motivação, envolvimento e interesse dos membros pelos temas tratados e disponibilidade dos sujeitos envolvidos em participar dos debates, inclusive com proposições. Além disso, é importante ter um domínio técnico mínimo do ambiente.

A idéia aqui não é a de usar uma comunidade do Orkut para dar cursos a distância tal e qual se faz com uma plataforma de EaD, até porque atualmente há limitações técnicas no próprio site que não permite o uso dele para este fim. O objetivo é promover a interação entre professor e alunos numa comunidade que favoreça o debate e a troca de idéias. Em suma: o diálogo instrutivo, mesmo que informal e aproveitando-se do que por nós é considerado “informal” para o aprendizado. Algo que possa ser inserido no cotidiano dos alunos, sem muitas vezes as características opressivas da formalidade reproduzidas em experiências similares e usando outros meios. Participar de comunidades temáticas, como no caso do Orkut, é desenvolver o aprendizado de forma espontânea pela convivência. Ante o exposto, entendemos aqui o Orkut como uma ferramenta para acrescentar as aulas dadas presencialmente na escola e não para substituí-las. Assim sendo, neste trabalho, a discussão é orientada não pela perspectiva de encontrar na Internet versões eletrônicas de aulas centradas no professor, mas opções de aulas que, baseadas no paradigma da construção coletiva do conhecimento e publicadas na Internet, se apresentam como possíveis caminhos para a construção do conhecimento por alunos e professores.

Inclusive, a primeira comunidade criada no Orkut, pelo próprio Orkut Büyükkökten foi a comunidade da Universidade de Stanford (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1>), onde ele atualmente faz pós-doutorado em ciências da Computação.



Em instantes um professor pode abrir gratuitamente uma comunidade para discutir com seus alunos questões relacionadas a sua disciplina ou um tema específico sugerido. Para criar uma comunidade basta preencher um pequeno cadastro sobre a temática que se pretende abordar na comunidade. Depois disso, ela estará pronta para usar imediatamente. E podem ser levadas em conta pelo professor a utilização de algumas práticas pedagógicas como contextualização, interdisciplinaridade e temas transversais.

Durante o processo de criação da comunidade, o professor pode, inclusive, restringir a publicação de textos apenas por seus alunos. A comunidade funcionaria como um grupo de estudos virtual, uma educação pelo debate. Não intimidatória. Afinal, um site de comunidades virtuais, tal e qual o Orkut, traz convivência, que resulta em discussão que por sua vez gera aprendizagem.

No Orkut o conteúdo é aberto, inclusive para os não membros. Mas para postar uma intervenção (anônima ou não), um usuário tem obrigatoriamente que ingressar na comunidade que pode ser de ingresso automático ou não. Quem decide é o “dono” da comunidade, isto é, o moderador. Mas o mais interessante, é que ao formarem uma “comunidade”, esses membros (alunos e professores) não precisam se fechar ao contato com a “grande comunidade”, representada pelo site Orkut com seus demais membros e comunidades. Desta forma, caso seja necessário, é possível entrar imediatamente em contato por exemplo, como um médico, ator, biólogo ou jornalista. Bastando para isso que os alunos busquem uma comunidade dedicada a uma dessas categorias profissionais. Onde os alunos poderão entrar em contato com um deles. Tudo obedecendo ao princípio de que tudo está em rede.

Já nas plataformas tradicionais de EaD, os debates entre os membros acontecem apenas internamente dentro de cada curso, de forma independente, e não em rede como nas comunidades virtuais. Por exemplo, ao criar no Orkut uma comunidade sobre sua disciplina (Língua Portuguesa, por exemplo) um professor pode relaciona-la a uma comunidade já existente sobre Pierre Lévy (a qual ficará bem visível no canto interior direito de sua comunidade). Normalmente, mas nem sempre, as comunidades relacionadas são de temáticas similares. Ao entrar numa comunidade sobre Lévy (por exemplo, <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=678337>), os usuários sendo



eles alunos ou não, vão clique após clique paulatinamente descobrindo comunidades dedicadas e relacionadas referentes a respectivamente Edgar Morin, Michel Foucault, Jean Baudrillard, Louise Bourgeois e assim por diante. Das quais fazem parte pessoas interessadas nesses autores e que potencialmente podem servir como interlocutores, gerando um projeto interdisciplinar. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os debates via Orkut podem funcionar como extensão da sala de aula para professores e alunos, também podem funcionar como extensão do conhecimento universitário à sociedade em geral.

A grande vantagem em se participar de um site de comunidades virtuais tal e qual o Orkut, em relação aos blogs, aos fóruns tradicionais e as listas de e-mails (*mailing list*), é a possibilidade de se estar em rede, o que favorece a algo que poderíamos chamar de “convivência à distância”, tão útil para a construção do saber. O advento dos blogs foi uma revolução, por possibilitar a imediaticidade da publicação on-line, sem que seja necessário conhecimentos de edição e linguagem HTML, mas não estão em rede são limitados pelo caráter fortemente cronológico deles, um resquício da função para o qual ele nasceu: ser um diário virtual. Quanto às listas de e-mail, através das quais até hoje amadoristicamente se costuma mandar o mesmo e-mail para mais de uma pessoa, não é preciso dizer que ao longo da vida uma pessoa muda constantemente de conta de e-mail, seja porque descobriu um provedor de e-mail que oferece mais espaço gratuitamente, seja porque mudou de provedor de internet, seja porque ingressou numa empresa privada ou instituição pública e passou a utilizar uma conta de e-mail oferecida pelo empregador. Por isso tudo, quem utiliza uma lista e e-mails como forma de contato sabe que ela precisa o tempo todo ser atualizada, sob o risco de perder contato com quem trocou de conta de e-mail.

O ideal do Orkut enquanto ferramenta de aprendizagem é que as pessoas o utilizem para aprender em um ambiente que *a priori* é de lazer. Não se sentindo pressionadas a criar. Porque participar significa fazer-se parte. E é em um espaço de expressão desta vontade que podemos optar por participar. Sendo assim, as comunidades também podem ter o propósito de gerar criações coletivas como contos ou roteiros. Feitas pelos alunos e moderadas pelo professor, em busca da construção coletiva de novos saberes. Pois a riqueza das comunidades virtuais está no aspecto



colaborativo sob a luz das trocas estabelecidas. Dessa forma, podemos dizer que as intervenções realizadas não é um trabalho intelectual sem autor, mas sim “de autores”. Mas para isso, seria preciso planejar uma disciplina utilizando estes recursos e analisar os resultados, com amostragem estatística dos resultados alcançados.

O interessante de um trabalho como esse é a experimentação e o incentivo a mudança de valores, pois o que importaria seria a ação comunitária e sua interatividade, não a autoria dela. Afinal, pode-se dizer que é o desejo de cada indivíduo se associar em sociedade, mas sem se subordinar, cada um decide por si só, mas aprende com os outros. Pois uma comunidade virtual é um espaço onde se aprende a ser, conhecer, fazer e, sobretudo, a viver junto. Assim sendo, um grupo de alunos trocando conhecimento o tempo todo (e até com outros grupos) terá mais sucesso do que um grupo de alunos fechados no seu grupo em si.

Por isso tudo, vemos que o um professor pode sim fazer uso das comunidades virtuais como extensão da sala de aula em qualquer horário e em qualquer lugar para aprofundar o debate sobre temas contemporâneos, complementar a bibliografia sugerida, mediar as discussões, aprofundar os temas, sintetizar as idéias e levar o aluno a cooperar de forma ativa no esforço da busca pelo conhecimento. O professor ainda pode optar em abrir apenas uma comunidade referente à sua disciplina, onde seriam convidados a participar seus alunos no decorrer de todos os anos letivos ou semestres ou abrir uma comunidade para cada turma de alunos, e sendo assim, relacionar as comunidades anteriores à estrutura da atual. Em outros casos o professor poderia agregar os alunos da mesma disciplina que ele ministra em mais de uma instituição. Em qualquer um dos casos, seus alunos, não importando em que período tenham cursado a disciplina, poderá entrar em contato, em rede, com o que foi debatido e produzido em anos anteriores. Tudo isso estando acessível em caráter permanente. Disso, para professores e alunos poderia surgir ainda informações complementares que vão desde a possibilidade de retro alimentação do processo avaliativo a aferição das mudanças de opinião pública dentro do processo histórico. Por exemplo, será que a opinião dos jovens hoje sobre o uso da maconha ou da legalização da eutanásia será a mesma de seus colegas congêneres daqui há dez anos? Que mudanças houve no tipo de língua portuguesa usadas pelos jovens nas conversas on-line, no decorrer desse tempo? No



futuro, os ainda alunos poderiam ver que temáticas eram polêmicas nos debates travados no passado e que na atualidade deles já é consenso. Sendo assim, cada aluno poderia aprofundar a perspectiva de si mesmo como um sujeito histórico, social e ter a oportunidade de travar diálogo com os que o antecederam. Tudo em rede.

Hoje, os sites de comunidades virtuais, notadamente o Orkut, têm sido alvo das mais variadas críticas, entre elas a de veicular muito lixo e atividades não só ilegais como também antiéticas, tais quais pedofilia, neonazismo e a venda de drogas. Por isso, há quem não veja aplicação pedagógica desse instrumento entre os alunos. Inclusive, chegando ao ponto de tomar medidas preventivas como a colocação de filtros na rede de computadores da instituição de ensino. Mas esses críticos se esquecem de que essa crítica pode ser aplicada a qualquer outro meio de informação. E se, a exemplo das comunidades virtuais, podemos nos inserir onde vários pontos de vista podem se confrontar, mais garantias temos de que não seremos manipulados. A questão que se apresenta é: ao censurar o Orkut, ou qualquer outro site de comunidades virtuais, a instituição de ensino não estaria deixando vazio um espaço de discussão sobre temas que os estudantes se deparam e cada vez mais se depararão em seu dia-a-dia?

Não se pode esquecer que para usar o Orkut como extensão da sala de aula, não é preciso abdicar do Orkut ao que ele mesmo por princípio propõe: uma rede social on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos e de pessoas que têm os mesmos interesses. É possível estabelecer uma sinergia construtiva entre os campos educacional e social. Afinal, nós somos seres contextualizados dentro de realidades específicas. Somos seres historizados.

De qualquer forma, aqui não falamos em “escolarizar” o Orkut, mas sim inseri-lo na educação como forma de ultrapassar os limites escolares. Um auxílio à educação permanente e continuada. Afinal, o “aprender” não se encerra nos espaços fora da sala de aula, ele não tem fim. Mas para isso é preciso conhecer os alunos, antes de estabelecermos metodologias de ensino “virtuais” e nos preocuparmos em contextualizar o que queremos abordar de forma realista. De forma a auxiliar os discentes na formação de valores, importantes para a formação de um cidadão crítico e capaz de fazer escolhas e de entender que o domínio técnico nas novas tecnologias deve sempre vir acompanhado de uma visão histórica e social.



Notas:

- (1) LÉVY, Pierre. Estamos todos conectados, revista Nova Escola, nº 164, ano XVIII, São Paulo: Editora Abril, 24.
- (2) LÉVY, Pierre. Cibercultura, 2ª edição, coleção Trans, São Paulo: Editora 34, 2000, p. 171
- (3) No ar desde fevereiro de 2005, o YouTube é um serviço em que os usuários podem gratuitamente ver, compartilhar e comentar vídeos, sejam amadores ou profissionais. Já foi acessado por mais de 15 milhões de pessoas pelo mundo (dados de Veja, edição 1959, ano 39, nº 22, 7 de junho de 2006).
- (4) O *Creative Commons* o conceito adotado por quem disponibiliza licenças flexíveis para obras intelectuais. Partindo da idéia de "todos os direitos reservados" do direito autoral tradicional é recriada para transformá-la em "alguns direitos reservados".
- (5) LÉVY, Pierre. Educação contra a exclusão digital, Jornal do Brasil, Informática, 26 de agosto de 2002, Rio de Janeiro, p. 7
- (6) FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 78.
- (7) LÉVY, Pierre. Cibercultura, op. cit.
- (8) LÉVY, Pierre. Estamos todos conectados, op. cit, p. 24
- (9) FREIRE, Paulo. A lógica do encantamento, Fórum, nº 11, São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2003, p. 12.
- (10) LIMA, Alessandro Barbosa. Social Networks: uma nova onda?. Disponível em: <http://informatica.terra.com.br/interna/0,,OI276694-EI1684,00.html>. Acessado em 19 de maio de 2006.
- (11) Orkut. <http://www.orkut.com/MembersAll.aspx>.
http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_networking_websites. Acessado em 1 de junho de 2006



Bibliografia:

ANDRADE, Arnon de. **Conceito de tecnologia educacional**. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon. Acessado em: 10 de setembro de 2005.

ANDRADE, Arnon de. **Novas tecnologias?** XXV SBTE - Artigo referente ao Painel "Processando a Comunicando a Informação: novas tecnologias para a Educação do Homem". Tecnologia Educacional - v. 22 (113/114) Jul./Out. 1993. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon. Acessado em: 5 de setembro de 2005.

ANDRADE, Arnon de. **Novas Tecnologias e Educação**. Texto apresentado no XVI Epen - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, na mesa redonda "Novas Tecnologias e Educação", Aracajú: junho de 2003. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon. Acessado em: 9 de setembro de 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4ª edição. volume I (A era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo: Editora Paz e Terra. 2000.

COSTA, Adriano Medeiros. **Barcelona virtual: nunca foi tão fácil para um pequeno município se informar sobre si mesmo e de acordo com sua própria cultura**, monografia (Bacharelado em Comunicação Social/ habilitação em Jornalismo), Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

CYSNEIROS, Paulo G. **Novas Tecnologias no Cotidiano da Escola**. 23ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG, 24 a 28 de Setembro de 2000. Disponível em: http://educacaoonline.pro.br/art_as_novas_tecnologias.asp?f_id_artigo=422#_ftn1.

Acessado em: 25 de agosto de 2005.

DANIEL, Aurélio. **Segredos do Orkut**. 1ª edição. São Paulo: Digerati Books, 2004.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 8ª edição. São Paulo: Cortez Editora – MEC – Unesco. 2003



FOSNOT, Catherine Twomey (Org.). **Construtivismo: teoria, perspectivas e prática pedagógica**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed.1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**, coleção Trans, 1ª edição, São Paulo: Editora 34,1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, coleção Trans, 2ª edição, São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**, coleção Trans, 1ª edição, São Paulo: Editora 34,1999.

Museu da pessoa. Disponível em: www.museudapessoa.net. Acessado em: 27 de abril de 2006.

Orkut. Disponível em: www.orkut.com. Acessado em: 5 de maio de 2006.

Palloff, Rena M e PRATT, Keith. Definindo e redefinindo a comunidade. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**, trad. Vinícius Figueira, Porto Alegre: Artmed,2002.

SILVA, Marcos (Org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

TELLES, André. **Orkut.com**. São Paulo: Editora Landscape, 2006